

Conto

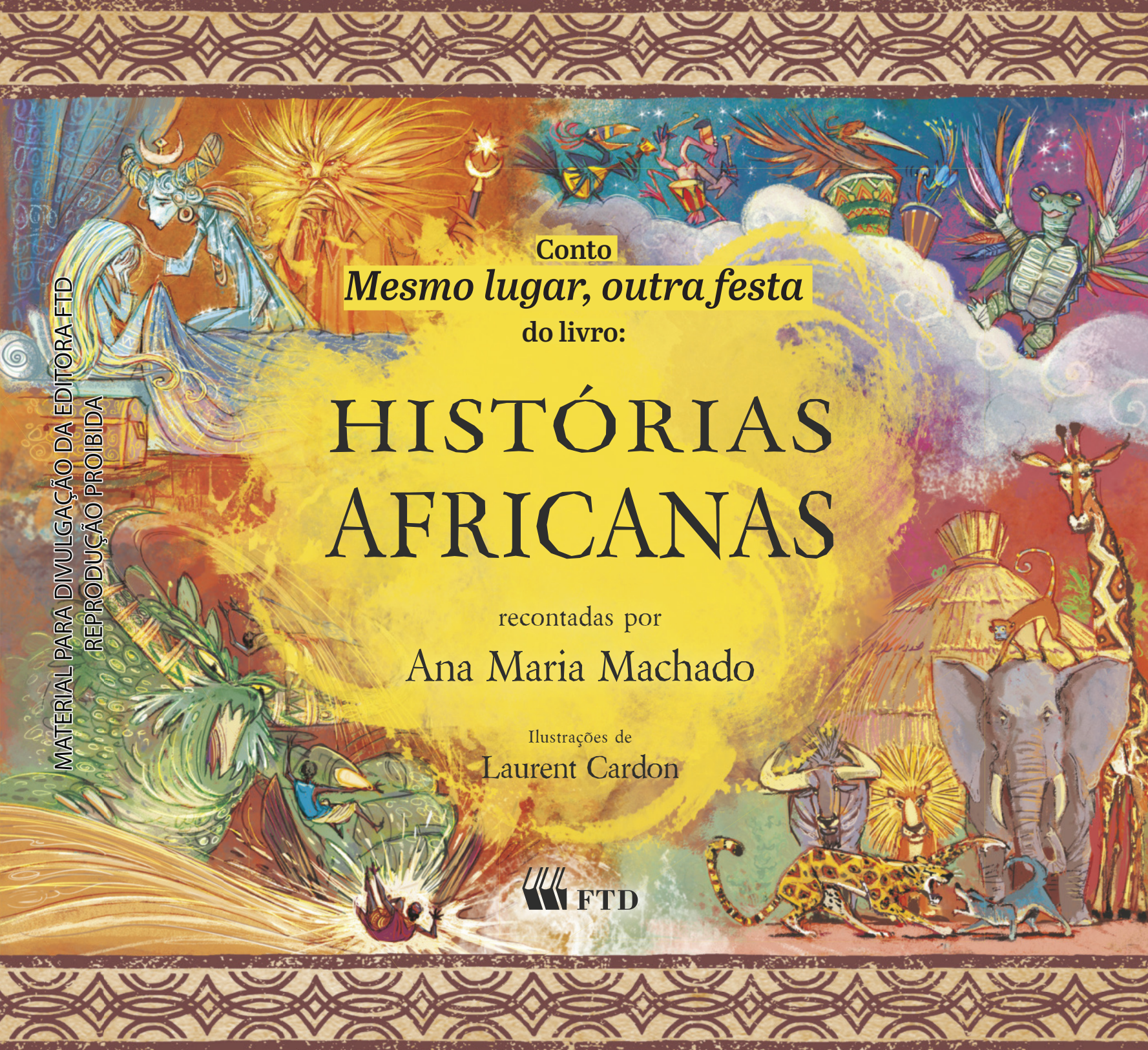
Mesmo lugar, outra festa
do livro:

HISTÓRIAS AFRICANAS

recontadas por

Ana Maria Machado

Ilustrações de
Laurent Cardon



Copyright © Ana Maria Machado, 2014

Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01326-010 – Tel. (0-XX-11) 3598-6000

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

Internet: www.ftd.com.br

E-mail: projetos@ftd.com.br

Diretora editorial Silmara Sapiense Vespasiano

Gerente editorial Ceciliany Alves

Editora Cecília Bassarani

Editor assistente Luís Camargo

Assistentes de produção Ana Paula Iazzetto, Lília Pires

Assistentes editoriais Tássia Regiane Silvestre de Oliveira, Thalita R. Moiseieff

Preparadora Bruna Perrella Brito

Revisora Regina C. Barrozo

Coordenador de arte Eduardo Rodrigues

Editora de arte Andréia Crema

Projeto gráfico Sylvain Barré

Editora de arte gráfica Alicia Sei

Diagramação Alicia Sei

Diretor de produção gráfica Reginaldo Soares Damasceno

Ana Maria Machado é autora de mais de cem livros. É traduzida em 19 países. Em 2000, ganhou o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil mundial. Em 2001, recebeu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis. Em 2003, entrou para a Academia Brasileira de Letras. Recebeu o Prêmio Príncipe Claus 2010, da Holanda, concedido a artistas e intelectuais de reconhecimento na contribuição nos campos da cultura e do desenvolvimento.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Machado, Ana Maria

Histórias africanas / recontadas por Ana Maria Machado ; ilustração Laurent Cardon. – 1. ed. – São Paulo : FTD, 2014.

ISBN 978-85-322-9310-7

I. Contos – Literatura infantojuvenil I. Cardon, Laurent II. Título.

14-04580

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantil 028.5
2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5



MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

HISTÓRIAS AFRICANAS

recontadas por
Ana Maria Machado

Ilustrações de
Laurent Cardon

1ª edição



FTD

São Paulo – 2014

MESMO LUGAR, OUTRA FESTA

Pode ser porque lá no alto é um lugar lindo, que tem Sol, Lua, estrelas, arco-íris e nuvens que mudam de forma e cor. Ou porque uma passarada cantora e colorida gosta de ficar pra lá e pra cá, voando pelo azul. Mas os africanos concordam com os indígenas brasileiros em uma coisa, pelo menos: céu é lugar de festa. Daquelas ótimas, em que ninguém quer ficar de fora. E, na hora da festança, todo mundo quer ir, mesmo quem não consegue voar.

Na Nigéria, de noite, nas aldeias, quando as pessoas se sentam nas esteiras que cobrem o chão para ouvir as histórias que os mais velhos gostam de contar e todos gostam de ouvir, uma das preferidas é a da festa no céu.

Ia haver uma grande festa no céu e todos os pássaros foram convidados. Animados, começaram logo a se preparar. Quem não podia ir ficava morrendo de vontade de festejar também. O Cágado, por exemplo, ficou logo imaginando quanta comida gostosa haveria por lá, justo numa época em que havia uma seca danada na terra e quase não sobrara comida para comer. A sensação que ele tinha era de que estava tão magro que, se alguém o sacudisse, seus ossos iam balançar dentro do casco que nem um chocalho. Tinha de dar um jeito de ir a essa festa no céu, para ver se tirava a barriga da miséria.

Mas como? Afinal, Cágado é bicho que anda na terra e não tem asas. Mas tinha de dar um jeito. Logo calculou que ninguém ia topar carregar um bicho pesadinho feito ele. Mesmo assim, tentou.

A cada pássaro que encontrava, perguntava:

– Me dá uma carona para eu ir à festa no céu?

Mas a resposta era sempre parecida:

– Eu te conheço. Você é muito metido a espertinho, só quer se dar bem. Não é amigo de ninguém. Quando consegue o que quer, esquece quem te ajudou. Não ajudo coisa nenhuma.

Ou então:

– Eu hein?! Já sei que você vai aprontar alguma quando chegar lá na festa. Se eu te levar, você se mete em encrenca e ainda me deixa mal. Você é um ingrato.

Era mesmo verdade. Ele já tinha feito tantas com tantos bichos, que a fama dele era péssima. Ninguém queria ajudar. Mas acontece que o Cágado já esperava por essa e tinha um plano para o caso de ninguém lhe dar carona. Então, passava à segunda parte do pedido:

– Bom, na verdade, eu até tenho como ir, estava só querendo companhia. Mas será que você podia me arranjar uma de suas penas para eu me enfeitar? Não faz diferença para você, que tem tantas... Umazinha só... Não vai lhe fazer falta.

Os pássaros não eram maus nem egoístas. Cada um logo percebeu que não lhe custava nada dar uma pena para o Cágado... E foram dando. Assim foi que, de pena em pena, ele ficou com uma quantidade enorme, suficiente para fabricar duas asas. Penas de tudo quanto era cor e tamanho. E ainda lhe deram uma informação preciosa: qual seria o ponto de encontro de onde partiriam todos reunidos, em revoada, para a tal festa.

Na hora combinada, o Cágado chegou antes de todos, com suas magníficas asas, feitas de penas de todas as cores e tamanhos. Todo contente e gentil, falava com todo mundo, sempre fazendo questão de lembrar que estava agradecido e que tinha sido o primeiro a chegar. Estava tão simpático que, antes de saírem em bando, quando foram escolher qual deles faria o discurso de saudação aos donos do céu quando chegassem, alguém sugeriu:

– Acho que devia ser o Cágado. Vai ser muito original e ele fala tão bem...

– Isso mesmo! – concordaram os outros.

– E como ele está vestido com as plumas de todos nós, já nos representa bem – acrescentou outro pássaro.

A ideia foi aprovada. E o Cágado aproveitou a deixa para fazer uma sugestão:

– Sabemos que, quando alguém é convidado para uma grande festa como essa, os costumes mandam que se escolha um nome novo para a ocasião. Não podemos deixar de seguir essa antiga tradição.

Nenhum dos pássaros jamais tinha ouvido falar nisso. Mas o Cágado falara com tanta segurança que ninguém quis duvidar do que ele dizia. Um por um, foram todos escolhendo seu novo nome. Podiam ser nomes como Quero-quero, Fogo-apagou, Bem-te-vi, Papo-preto, Crista-de-fogo ou outros assim. Não dá para ter certeza, porque quem me contou essa história não lembrava ou achou que não valia a pena repetir esses nomes. O que importa é que cada um escolheu um nome novo. E quando chegava nesse ponto da história, cada criança ou adulto que ouvia ficava também pensando no nome que ia escolher se tivesse que ir a uma festa assim. Talvez Pé-ligeiro. Ou Olho-brilhante, Menina-bonita, Muito-sono, Leão-faminto...



MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



Quando chegou a vez do Cágado, ele disse:

– Em homenagem a todos vocês que me ajudaram a fazer meus enfeites, e como símbolo da minha gratidão e da força de nossa união, enquanto durar essa festa meu nome vai ser Todos-vocês.

Os outros ficaram contentes com a homenagem.

Em seguida, terminada essa cerimônia de novos nomes, o bando bateu asas e levantou voo. Quando chegaram ao céu, os donos da festa ficaram muito felizes e os receberam muito bem. Imediatamente, o Cágado se levantou e fez um discurso agradecendo a acolhida. Falou tão bem que os outros convidados estavam orgulhosos por terem um orador tão bom falando em seu nome. Aprovavam com gestos de cabeça e batiam palmas. Alguns até comentavam com a ave que estivesse a seu lado:

– Que bom que ele veio conosco!

No final, todos queriam cumprimentá-lo.

Vendo aquilo, os donos da festa acharam que ele devia ser o Rei dos Pássaros. Afinal, era um pouco diferente de todos os outros e parecia ser tão respeitado e aclamado por eles...

O povo do céu começou então a servir o banquete. Primeiro, trouxeram nozes-de-cola como aperitivo, e estavam mesmo uma delícia. Depois, veio a refeição completa. Antes de mais nada, um caldeirão fumegante, de uma sopa de peixe e carne cheirosíssima.

E mais uma porção de gamelas com outras comidas. Havia pirão de inhame e um ensopado de inhame com peixe fresco, cozido no azeite de dendê. E uma fartura de potes de vinho de palma.

Como mandavam os costumes, antes que os convidados comessem a comer, um dos hospedeiros provou um pouquinho de cada prato, para mostrar que a comida estava boa, sem nada que pudesse fazer mal. Em seguida, fez um gesto com a mão, apontando que os outros podiam se adiantar e passar a comer.

Nesse momento, o Cágado se levantou rapidamente e perguntou:

– Para quem foi preparado esse banquete?

O senhor do céu respondeu:

– Para todos vocês!

O Cágado então se virou para os pássaros e disse:

– Lembrem-se de que meu nome nesta festa é Todos-vocês. O que o dono da casa respondeu significa que aqui no céu o orador deve comer primeiro. Só mais tarde será a vez dos outros. Não podemos desrespeitar os costumes do lugar. Esta primeira mesa é minha. Assim que eu acabar de comer, vocês serão servidos.

E começou a comer. Os pássaros não gostaram, mas engoliram em seco. Não queriam parecer mal-educados. Mas alguns estavam com muita fome e começaram a resmungar uns com os outros.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



Os donos do céu bem que acharam aquilo esquisito. Mas pensaram que os costumes dos pássaros da terra eram aqueles e que os convidados só iriam comer depois que seu Rei acabasse.

Enquanto isso, o Cágado comia. Comia, comia, comia, até estufar tanto a barriga que quase não cabia mais no casco. Bebeu vinho de palma até quase estourar. Só então, revirando os olhos de tão empanzinado, parou de comer.

Sobrara muito pouco para os pássaros, só uns ossos, umas espinhas, umas pelancas e um restinho de caldo.

O Flamingo ficou tão furioso com aquilo que disse:

– Ah, é assim? Pois então devolve minha pena.

Foi lá junto do Cágado e arrancou a bela pena que lhe dera, da cor da alvorada.

– A minha também – emendou a Andorinha e fez o mesmo, tirando uma pena da cor da noite.

– E a minha já! – disse o Periquito, arrancando mais uma pena da asa fabricada, que ficou desfalcada de uma cor de folhas novas.

Um por um, foram todos fazendo o mesmo. Num instante, o Cágado depenado se viu sem ter como voar de volta para a terra. E não adiantou pedir. Dessa vez ninguém quis ajudar. Então ele mudou o pedido:

– Por favor, levem um recado para minha mulher! Pelo menos isso... Tenham pena de mim.

Ninguém lhe dava atenção. Um por um, os pássaros iam saindo de perto. Deixaram o Cágado sozinho. Muitos já se preparavam para voar de volta para casa, na esperança de, pelo menos, conseguir comer alguma coisinha em terra.

– Por favor, um recado para minha mulher... – repetia o Cágado.
– Um recadinho à toa...

Era como se ninguém ouvisse. Até que o Papagaio, o mais furioso de todos, pensou que aquela podia ser uma oportunidade de dar uma lição no Cágado. E perguntou a ele:

– Que recado?

– Diga a ela para cobrir o quintal com as coisas mais macias que tiver em casa, para que eu possa pular do céu e voltar logo.

O Papagaio bateu asas e voou. Quando chegou à casa do Cágado, disse à mulher dele:

– Seu marido mandou pedir para cobrir o quintal com as coisas mais duras que tiver em casa.

Ela então começou a espalhar um monte de coisas duras no quintal: enxadas, facas, facões, lanças, gamelas, panelas, tabuleiros, arreios. Lá do alto, o Cágado via a mulher andando pelo terreiro e cobrindo o chão de objetos, mas não dava para distinguir que não

eram esteiras, cestos, mantas, tecidos e peles de animais. Quando ele achou que já estava pronto, pulou de uma nuvem.

Foi caindo, caindo, caindo... A gente pode até parar de contar um pouquinho agora, enquanto ele cai, porque levou mesmo um tempão. Caindo, caindo... será que já acabou ou ainda está caindo? O caso é que foi mesmo muito tempo caindo. Vocês querem esperar até que ele acabe de cair? Bom, então eu continuo. Quando ele parou de cair, ouviu-se um barulhão tremendo.

Bum!

Foi o Cágado se espatifando no meio do quintal, com todas aquelas coisas duras espalhadas.

Morrer não morreu. Mas o casco ficou todo quebrado. Foi preciso a mulher dele mandar chamar um grande curandeiro que vivia nas redondezas. Deu muito trabalho juntar todos os caquinhos e colar tudo.

Mas, afinal, deu para colar. E até hoje ele vive por aí, se arrastando e escondendo a cabeça quando alguém chega perto. De medo ou de vergonha, não dá para saber.